**Karina e o tempo**

Vendo –te a contemplar clarões alaranjados

No crepúsculo das solitárias tardes

Eu me ponho sempre a perguntar “como pudeste a tudo abandonar

E te lançar de alma e corpo num imenso nada?”

Nada para se avistar, nada em que se acreditar

Apenas a semente da esperança de uma nova vida.

Ó meu caro tempo, eu sei que a vida sempre foi um despejar de emoções

Perdidos corações que nunca mais se encontram

Se pincelas os teus traços, semeias dores e cansaços

Forte sempre estarei e aos teus caprichos nunca mais me dobrarei

Vendo-te a enfrentar incertos amanhãs,

as tempestades e o sofrer das noites frias

Ouso novamente duvidar “não permitiste a fé te abandonar

Quando deixaste as almas dos que amava em meio ao imenso nada?”

Era tanto a suportar, tanto pra se sujeitar

Nem mesmo te restava a esperança de uma nova vida

Ó insensato tempo, eu sei que tudo quanto dei de mim daria mesmo sem razão

Até aos fracos corações que nunca mais se encontram

Se me amarras com teus laços, faço-me novo regaço

Forte permanecerei e em meus caminhos sempre, sempre seguirei